



Não há fumo sem fogo – 4ª Edição

Parceria com Casa Pia de Lisboa, sob a orientação de Henrique Furtado Vieira

Programa de aproximação às artes performativas contemporâneas para jovens do 9º ano de escolaridade do Centro de Educação e Desenvolvimento Nuno Álvares Pereira / Casa Pia de Lisboa, com encontros de análise da peça *Dobra*, de Romain Beltrão Teule, artista apoiado pelo Rumor do Fumo.

O acompanhamento desta criação foi composto por encontros de observação e de várias práticas (expressão corporal, análise, crítica e discussão).

Calendário de encontros

- Lenha - Primeiros encontros de análise dos materiais ponto de partida do trabalho
28 Outubro, 4 e 11 Novembro 2024, Colégio Nuno Álvares - Casa Pia, Lisboa
- Faísca - Ensaio em estúdio com partilha de práticas e experimentações
19 Novembro 2024, Estúdio O Rumor do Fumo, Lisboa
- Fogo - Espectáculo ao vivo
27 Novembro 2024, Sala Luís Miguel Cintra, São Luiz Teatro Municipal, Lisboa
- Cinzas - Último encontros e análise do espectáculo
2 Dezembro 2024, Colégio Nuno Álvares - Casa Pia, Lisboa

Sobre a peça *Dobra*, de Romain Beltrão Teule

Dobra é um projecto de performance-palestra que começa pela dissecção de uma palavra: dobrar. Dobrar a voz de uma pessoa (num filme, numa série, numa entrevista). Dobrar uma actriz, um actor (substituindo a sua presença pela presença da sua dupla, do seu duplo). Dobrar uma mesa dobrável, uma cadeira dobrável (ou qualquer objecto que se dobra). Dobrar uma folha de papel, várias vezes, até chegar a uma mini escultura (um origami). E tem o duplo, o *doppelgänger*, uma pessoa no mundo igual a mim.

Dobra é uma performance dentro da qual o conferencista começa por contar uma viagem onde teve a sensação de ser perseguido pela sua dupla maléfica, o seu *doppelgänger*. Enquanto assistia a filmes franceses, dobrados em japonês, apaixonou-se por um designer de móveis desempregado que ganhava a vida a trabalhar em filmes de acção, enquanto duplo de um actor famoso. E o conferencista duplica-se. As palavras desdobram-se. O que está a ser contado transforma-se numa dança, as histórias transformam-se em gestos... no espaço.

Dobra é uma peça que, de forma subtil, coloca em confrontação a possibilidade de manipulação de algo, desde a tradução até à duplicação, pondo em evidência a possibilidade de falsear tudo o que é realidade.



Ficha artística

Criação e Interpretação: Romain Beltrão Teule

Luz, Som, Espaço: Santiago Rodriguez Tricot

Aconselhamento Artístico: Miguel Pereira

Assistente de Coreografia: Bruno Brandolino

Apoio à Cenografia: Sara Viera Marques

Operação técnica: Pedro Guimarães

Difusão e Produção Executiva: O Rumo do Fumo

Produção: Le Vertige

Co-produção: Linha de Fuga

Apoio à Residência: Forum Dança, Honolulu, L'Armorica, L'échangeur CDCN, Linha de Fuga, RAMDAM, un centre d'art, CAMPUS Paulo Cunha e Silva (Teatro Municipal do Porto)

Apoio à Criação: DRAC Bretagne, Festival Temps d'Images, Fundação GDA, Fundação Gulbenkian, Mala Voadora

Agradecimentos: Catarina Saraiva, Claire Buisson, Flora Detraz

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada por República Portuguesa - Cultura | Direcção-Geral das Artes

Cronologia

28, 29, 30 Novembro, 5, 6, 7 Dezembro 2024, Teatro Municipal São Luiz, Sala Mário Viegas, Lisboa/Portugal

8 Junho 2024, Casa da Cultura - Teatro Stephens, Marinha Grande/Portugal

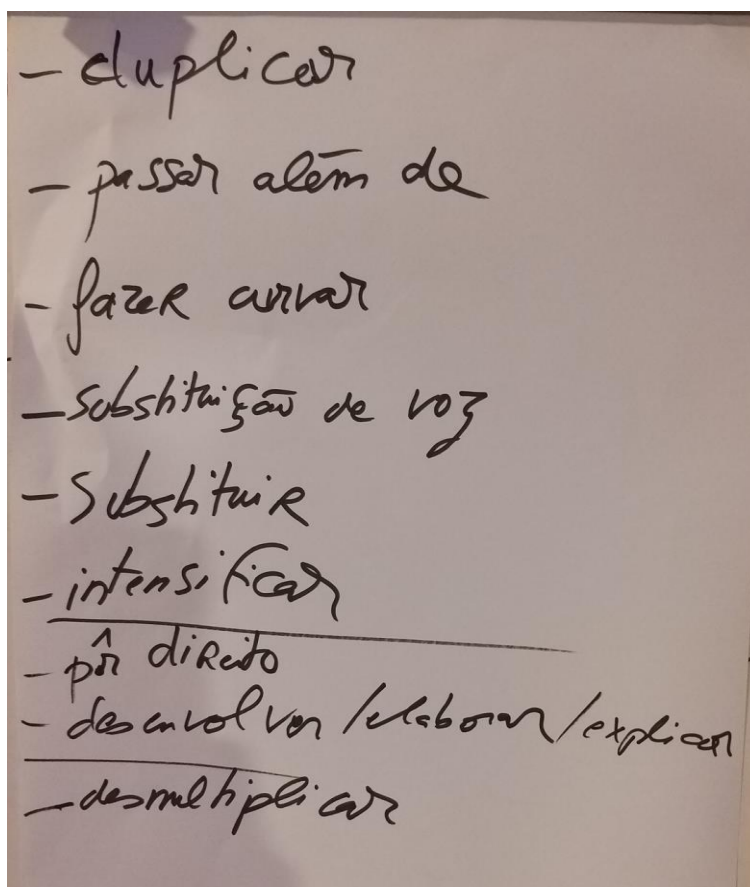
25 - 27 Novembro 2022, Sala Estúdio, Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa/Portugal

15 Junho 2022, Ciclo de Teatro e Artes Performativas — Mimesis, Teatrão - Oficina Municipal do Teatro, Coimbra/Portugal

Estreia 6 - 7 Novembro 2021, Festival Temps d'Images, Museu Nacional do Teatro e da Dança, Lisboa/Portugal

Sessão 1: PALAVRA E TRADUÇÃO

Vamos acompanhar a reposição do espectáculo “Dobra”, de Romain Beltrão Teule. Quem sabe o que é uma reposição? Qual é a cronologia da criação e apresentação de um espectáculo? Discutimos as várias etapas que compõem a criação e a apresentação de um espectáculo, que nem sempre seguem uma ordem cronológica rígida: pré-produção, pesquisa/investigação, criação, ante-estreia, estreia, apresentações e reposições. Explorámos também os diferentes papéis e ofícios que integram a engrenagem teatral, desde o produtor executivo ao encenador, passando pelo maquinista e o sonoplasta, destacando a importância do trabalho colectivo neste universo. Partimos do título da peça. Sem terem visto nada, o que imaginam que poderá ser um espectáculo chamado “Dobra”? Para o Romain, as palavras têm um peso significativo, e neste caso, o título é já, em si, uma chave que sugere muito sobre a essência do espectáculo. Listámos os vários sentidos das palavras: “dobra”, “dobrar” e “desdobrar”:





“Dobrar”

- Fazer curvar, vergar ou torcer (“dobrar uma camisola”)
- Passar além de (“dobrar o cabo do bojador”)
- Duplicar (em matemática, por exemplo) (“o dobro de 2 é 4”)
- Intensificar (“dobrar os esforços”)
- No cinema ou na televisão, executar uma dobragem. (equivalente no português do Brasil: dublar.) A dublagem ou dobragem é a substituição da voz original de um actor em produções audiovisuais (filmes, séries, desenhos animados, etc.) pela voz e interpretação de um actor quase sempre noutra língua. Há também dobragem no mesmo idioma, usada por exemplo para melhorar a entoação do som original, algo utilizado principalmente em anúncios ou musicais, ou quando há alguma falha na captação de som directo, nas produções audiovisuais.
- No teatro: substituir um actor.

“Dobra”:

- Cada uma das partes que se sobrepõem umas às outras no que está dobrado (“as várias dobras foram passadas a ferro”)
- Vinco ou prega que resulta dessa dobragem (“a dobra está muito vincada”)

“Desdobrar”.

- Estender / pôr direito (o que está dobrado). (desdobrar a própria palavra “Dobra”)
- Desenvolver / elaborar / explicar

“Desdobrar-se”

- Desenvolver-se, estender-se. (“o seu discurso desdobrou-se no tempo”)
- Prolongar-se (no espaço ou no tempo) (“aquele acontecimento desdobrou-se no tempo”)
- Desmultiplicar-se, dispersar-se ou esforçar-se em várias acções ou actividades. (“desdobrar-se em várias acções ou personagens”)



Perguntei aos participantes: neste espectáculo, como acham que se materializam estas palavras “dobra”, “dobrar”, “desdobrar”? O que acham que é dobrado ou desdobrado? O que é que no teatro pode ser dobrado ou desdobrado? Como é que se pode aplicar estes conceitos (que são também operações) a todos os elementos cénicos? Fizemos um “brainstorming”, em que fomos elencando os vários elementos do espaço teatral, tentando imaginar o que seria aplicar uma “dobra” a cada um deles.

Algumas respostas:

- « dobrando o pano de fundo »
 - « dobrando o linóleo »
 - « dobrando a luz ». Como? « pondo dois projectores iguais » « desmultiplicando os projectores »
 - « atribuindo dois personagens ao mesmo actor »
 - « fazendo o actor repetir sempre a mesma deixa »
 - « filmando ou fotografando o actor e projectando a sua imagem, ao mesmo tempo que ele está em palco »
 - « fazendo o actor dizer um texto e depois fazê-lo dizer o mesmo texto noutra língua »
 - « fazendo o actor dizer um texto e em simultâneo, alguém está a fazer o texto em língua gestual »
 - « substituindo o actor a meio da peça e o segundo actor vem fazer exactamente o que o primeiro actor fez »
 - « o texto é um texto divertido, em que se vai desdobrando anedotas interminavelmente »
 - « o texto mistura línguas »
 - « o texto é traduzido em tempo real »
- etc. etc.

Quem é o Romain? Falei da sua experiência de bilinguismo e como ele se interessa pela questão da tradução, nomeadamente de um idioma para outro, pelo que se perde e pelo que se ganha ao traduzir alguma coisa noutra coisa (“Lost in Translation”).



O Romain explora os vários sentidos de “Dobra”, “Dobrar” e “Doubler” (Dobrar em francês), explorando como a tradução de uma palavra tem um efeito sobre essa mesma palavra, desloca-a, tira e adiciona coisas. No fundo, brinca com a palavra e a sua tradução, na busca por polissemias, ambiguidades e mal-entendidos.

Aqui, mostrei-lhes o teaser da peça, que encena o jogo de aproximação e distanciamento que é o próprio dispositivo de legendagem de um vídeo.

https://www.youtube.com/watch?v=vQm7_psDIOg

Os participantes partilharam as suas impressões sobre o teaser. Alguns imaginaram que a peça terá um pano de fundo azul, inspirado nas imagens apresentadas. Outros interpretaram o espectáculo como uma reflexão sobre a experiência “bi-cultural” de Romain, marcada pela sua ligação ao Brasil e à França.

Abordámos também o momento final do teaser, onde ocorre uma “queda”. Desde o início, Romain não está a falar directamente, mas sim em *playback*, com a sua voz a ser dobrada, o que introduz uma camada extra de significado.

Outro ponto de discussão foi a forma como Romain subverte o próprio dispositivo da legendagem. O vídeo apresenta um jogo entre os referentes: enquanto a voz no vídeo se refere à peça, as legendas remetem ao próprio vídeo, criando uma desconstrução intrigante e provocadora.

Partilhei com os participantes uma questão que afectou o Romain, ao trabalhar nesta peça: « Já houve traduções mal feitas que causaram coisas graves? »

Partilha de história com os participantes:

Durante a Segunda Guerra Mundial, os Aliados emitiram a Declaração de Potsdam, que apresentava uma série de exigências no sentido da rendição incondicional de todas as forças armadas japonesas.

Neste contexto de guerra, os governos não comunicavam directamente e a declaração nunca foi transmitida ao governo japonês por canais diplomáticos.



Os transmissores rádio da Costa Oeste dos EUA, direccionados às ilhas japonesas, transmitiram o texto em inglês e, depois, começaram a transmiti-lo em japonês. Simultaneamente, bombardeiros americanos lançavam sobre o Japão mais de 3 milhões de panfletos, descrevendo a declaração.

Para o governo do Japão, estes folhetos eram considerados propaganda do inimigo e portanto, pegar nos folhetos e ouvir transmissões de rádio estrangeiras era ilegal no Japão. Como resposta a esta “propaganda”, o governo do Japão emitiu um comunicado afirmando que não haveria rendição e rematando o comunicado com o termo “Mokusatsu”. *Mokusatsu* é um substantivo japonês que significa literalmente "matar" com "silêncio" e é usado como marcador verbal para significar "ignorar", "não tomar notícia de" ou "tratar com silencioso desprezo". A palavra é composta por dois caracteres de kanji: (*moku* "silêncio") e (*satsu* "matar"). O que o governo japonês queria dizer com esta palavra era, com um tom de desprezo, que a “conversa acabava ali”.

Só que, como os governos não comunicavam por canais diplomáticos, este comunicado foi traduzido e publicado directamente pelos jornais dos EUA. Uma má tradução de “Mokusatsu” - apontando para uma intenção do Japão de “matar” o inimigo silenciosamente - apareceu nos jornais dos EUA e terá contribuído para a decisão do presidente americano Harry S. Truman de bombardear com armas atómicas as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

“Dobra” é um modo de produzir pensamento em fala. É um pensamento no gerúndio, a fazer-se e a desfazer-se, a desdobrar-se.

TPC:

- Pedir-lhes para escreverem 1 palavra de que gostam. Ou palavra que possa ter vários significados. Ou palavra interessante em vários idiomas. Fazer uma rede esquematizada de histórias e experiências pessoais, elementos autobiográficos, ficção, raciocínios, reescritas de memórias, memórias ficcionadas, saberes do quotidiano, saberes académicos, preocupações, necessidades, interesses e problemas de cada um e das suas comunidades. Tudo é bem-vindo! Convite para



irem desfazendo e desdobrando uma palavra, operando digressões, e desenvolvendo um fluxo de pensamento associativo e em deriva, livre.



Sessão 2: FORMATOS E DISPOSITIVOS

Pareceu-me importante, para não dizer prioritário, dedicar a primeira hora desta sessão a discutir e levantar questões fundamentais para os participantes: porque vamos à escola, para que serve um professor, qual o papel do aluno, para que serve o conhecimento, o que é o respeito, para que serve a escuta... Estas e outras questões foram sendo levantadas na discussão com os participantes. Abordámos questões ligadas à cidadania e a uma socialização construtiva.

Exemplo: algumas respostas que surgiram à pergunta « Para que serve adquirirmos conhecimentos? »

- « Para podermos encontrar trabalho. »
- « Para podermos ter escolha (entre vários ofícios). Quanto mais conhecimentos adquirir, mais escolha terei. »
- « Mas há conhecimentos que eu nunca hei de usar no trabalho. Nunca hão de servir. Mentira! Servem para termos cultura geral, que é uma base de compreensão mínima de como o mundo funciona, que é fundamental para aprendermos outras coisas mais tarde. »
- « Para não sermos facilmente manipuláveis. Por exemplo, se não soubéssemos ler, seria fácil enganarem-nos ao proporem-nos assinar um contracto com um salário muito baixo. ».
- « O conhecimento traz poder. Se os outros tiverem muito conhecimento e eu tiver pouco, isto cria um desequilíbrio de poder. O poder que o conhecimento me traz serve para eu me defender. »
- « Os conhecimentos não existem isolados de outros conhecimentos. Assim, alguns conhecimentos permitem-me perceber melhor outros conhecimentos. E assim vou ganhando uma compreensão progressiva de como o mundo funciona. »

Depois, falámos de formatos e dispositivos performativos: o que são e como são apropriados pelos artistas para criarem espectáculos. Tudo é potencialmente formato performativo, com “receita própria”. Listámos alguns: programas de televisão,



telenovelas, documentários, entrevistas, conferência, roadtrip, um audioguia, um jogo de tabuleiro, uma assembleia, uns apanhados, um jogo de futebol, um programa de rádio (“Show me the money”), etc.

O Romain, para o espectáculo “Dobra”, recorreu a um formato muito específico: a TED Talk.

Sabem o que é uma TED Talk? « Não. » Quem já tinha visto e ouvido uma? Ninguém.

TED (acrónimo e *Technology, Entertainment, Design*; em português: *Tecnologia, Entretenimento, Design*) é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias – segundo as palavras da própria organização, "ideias que merecem ser disseminadas". Suas apresentações são limitadas a dezoito minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na Internet.

Mostrei aos participantes um exemplo de uma TED Talk:

“Paper Towel”

<https://www.youtube.com/watch?v=2FMBSblperc>

Listámos aquilo que compõe, constitui e caracteriza uma TED Talk, a sua “receita”:

Há:

- audiência
- um palco
- um orador.
- transmissão de informação e factos
- acções
- objectos
- histórias pessoais / elementos autobiográficos
- elementos audiovisuais
- anedotas e humor



- interação com a audiência, fazendo perguntas / inquéritos ou pedindo para repetir coisas, por exemplo.

A peça “Dobra” é uma espécie de TED Talk: há uma audiência, há um orador que nos fala da palavra “Dobra”, transmitindo informações, desdobrando factos, histórias pessoais e desenvolvendo conceitos. Recorre também a objectos e faz acções. Não faz perguntas à audiência mas interpela directamente o público, como numa conferência (a TED Talk é uma espécie muito particular de conferência, é uma espécie de “entertaining conference”, uma conferência para o grande público). E mal entra no espaço, já está a falar: tal como numa TED Talk, a apresentação começa logo (mostrei de novo o início da TED Talk). Faz algumas piadas. Recorre também à ficção.

Propus-lhes debruçarem-se mais 10 minutos sobre o TPC proposto: retomar o trabalho de, a partir de uma palavra, desenhar uma rede esquematizada de histórias e experiências pessoais, elementos autobiográficos, ficção, raciocínios, reescritas de memórias, memórias ficcionadas, saberes do quotidiano, saberes académicos, preocupações, necessidades, interesses e problemas de cada um e das suas comunidades. Convite para irem desfazendo e desdobrando uma palavra.

Depois, vários dos participantes apresentaram o seu esquema aos demais.

[Consultar esquemas produzidos, em PDF na Drive.](#)

Acabámos a falar da importância da escuta para sustentar o colega que está a falar, e do fenómeno do *bullying*, que pode ser um comportamento mais ou menos consciente por parte do *bully*.



Sessão 3: PERFORMANCE E AÇÃO

Fizemos uma leitura expressiva / interpretativa pelos alunos do início do texto do “Dobra”.

Falou-se dos erros, das dificuldades de tradução, das interjeições, das hesitações, dos ritmos, das entoações que o texto apresenta, sem perder uma linha de raciocínio.

Colocámos algumas hipóteses acerca do porquê de o texto manter todos estes “erros”:

- « porque o Romain quer que se perceba que ele é franco-brasileiro, faz parte da identidade dele e da peça »
- « há vários sinais de que o português dele é uma mistura de português de Portugal e português do Brasil. Há também vários sinais de que ele é francês, nomeadamente a interjeição “euh” e bocados de texto em francês »
- « a peça fala de tradução e ele quis manter visíveis as suas dificuldades de tradução »
- « para tornar a peça mais humana. Porque ele fala assim »
- « porque este texto não foi escrito. Foi dito e gravado »...

Falou-se da possibilidade de escrever textos a partir da oralidade. Este texto foi transcrito de uma gravação. A partir de uma improvisação em torno de uma palavra, é possível transcrever a gravação, criando assim um texto. É uma forma de criar um texto dramático, um texto para um espectáculo.

Falámos também dos hábitos de escrita dos participantes. Como escrevem? A partir de que suportes? Porque escrevem?

Propus um exercício aos participantes, que é, a partir de todos os elementos que lhes forneci nas últimas sessões e a partir de todas as reflexões e hipóteses que colocámos, cada um deles imaginar o espectáculo “Dobra”, o que poderá ser o espectáculo.

O exercício deve conter:



- um desenho do espaço / do palco, com o cenário, a cenografia, os objectos utilizados, o lugar dos intérpretes e a coreografia / percurso destes.
- Definir três acções no mínimo, que acontecem durante o espectáculo. Podem ser gestos, acções no espaço ou com objectos.
- Há texto durante o resto do espectáculo? Se sim, de que vai falar? Podem voltar a fazer esquema.

Consultar resultados produzidos, em PDF na drive.



Sessão 4: O ARTESANATO DA CRIAÇÃO

Fizemos uma visita guiada ao Espaço da Penha. A equipa d'O Rumo do Fumo apresentou-se.

Improvisações:

Demos mais um tempo aos participantes para trabalharem nos exercícios iniciados na sessão anterior.

Cada um dos participantes activou o seu exercício, tentando descrever e situar tridimensionalmente, no espaço do estúdio, os performers envolvidos, os objectos, as acções, etc, expondo assim o seu próprio espectáculo “Dobra” aos outros participantes.

Gravação vídeo disponível.

Estas exposições e as conversas em torno delas foram o pretexto para abordarmos e/ou revisitarmos diversos temas e assuntos relacionados com a criação artística e o teatro: as noções de quarta parede, de instalação, de dispositivos interactivos / participativos, de formatos performativos, de performatividade da palavra, de cenografia estática ou que se move, de improvisação, de absurdo, de minimalismo...



Sessão 5 (ENSAIO GERAL NO SÃO LUIZ): O ESPETADOR EMANCIPADO - CRIADOR DO (SEU) SENTIDO

Vimos o ensaio geral.

Os participantes fizeram algumas perguntas ao artista.

E depois fomos para o jardim de Inverno do São Luiz para uma conversa pós-espectáculo (sem o artista): falámos do que vimos, do que sentimos, do que pensámos, se o espectáculo correspondeu às nossas expectativas e projecções...

Abordámos inúmeros assuntos: a experiência do espectador enquanto experiência activa e subjectiva, a estrutura do / de um espectáculo, o(s) formato(s) (palestra, ópera...), os géneros, as funções do humor, o silêncio e o tédio, o texto e a performance (per formare = dar forma a), a performance como a tradução de conceitos e ideias em imagens, acções, etc; o espectáculo que instiga dúvida no espectador, que o questiona, que o provoca, que deixa leituras em aberto; a questão do gosto estético, condicionado pelos nossos interesses, pelos nossos valores, crenças e pelos nossos estados emocionais, entre outros elementos; os critérios de avaliação estética, a relação afectiva com uma obra, a relação entre conhecimento e recepção de uma obra...



Sessão 6: A ARTE É POLÍTICA?

Lemos as páginas 27 e 28 de *O Espectador Emancipado*, de Jacques Rancière, e iniciámos uma reflexão sobre a palavra “emancipação”. O que significa ser emancipado? De quem ou do quê nos emancipamos? Será do artista, dos nossos preconceitos, das hierarquias impostas pela sociedade? Estas questões levaram-nos a aprofundar a ideia central de Rancière: a emancipação não é algo concedido por outro, mas uma prática individual de autonomia intelectual e liberdade.

Para ilustrar a noção de “igualdade das inteligências” proposta por Rancière, perguntei-lhes como tinham aprendido a falar enquanto bebés. Esta capacidade, que emerge de um processo natural de observação e experimentação, demonstra que a inteligência é inata e não depende de uma transmissão hierárquica de conhecimento. A inteligência é parte da condição humana, e o acto de pensar, compreender e criar sentido é universal. Assim, ninguém emancipa ninguém; cada indivíduo é responsável por exercitar a sua inteligência no caminho para a liberdade.

No contexto das artes, discutimos como a tradicional divisão entre espectador passivo e participante activo é ilusória. Ver não é uma actividade passiva, mas um processo dinâmico de interpretação e conexão, onde o espectador se torna co-criador de significado. Esta partilha de sentidos subverte a ideia de desigualdade entre artista e público: ambos são igualmente dotados da capacidade de pensar e criar, dissolvendo as hierarquias que frequentemente permeiam a experiência estética.

Estendemos esta discussão ao âmbito pedagógico, onde aplicámos o mesmo princípio de igualdade intelectual. Reconhecemos que o aluno não é um recipiente vazio a ser preenchido, mas sim um sujeito activo no processo de aprendizagem, detentor de saberes que o professor não possui. Dotado de inteligência, qualquer ser humano é capaz de adquirir novos conhecimentos e competências, desde que pratique e cultive as suas capacidades. Desta forma, a educação torna-se um espaço de diálogo e descoberta mútua, e não de imposição.

A nossa conversa foi, assim, uma oportunidade para explorar como as ideias de emancipação, igualdade e criação de sentido se aplicam não apenas ao teatro e à arte, mas também à forma como aprendemos, ensinamos e nos relacionamos com o mundo e uns



com os outros.

Fim de oficina: pedi aos participantes para preencherem um questionário, anotando também:

- Desejos / aspirações / projectos / vontades
- Realizações. Perguntei aos participantes que nos contem como as ideias e os materiais aprendidos ou trabalhados no estúdio/sala de aula impactaram a sua experiência lá fora, praticando não só o questionamento das ideias mas também o dos hábitos de ser.

No final, cada um falou um pouco da sua experiência.

Comemos um bolo e celebrámos o fim.

